

Apocalipse

Alice Fátima Martins
profalice2fm@gmail.com
Noeli Batista dos Santos
noelibatista@gmail.com
Universidade Federal de Goiás

Resumo

Dentre as metáforas que envolvem as relações entre máquina e saber sensível, neste artigo são apresentadas reflexões que vêm sendo desenvolvidas no projeto de pós-graduação intitulado "Entre-Meios: reflexões sobre processos de criação e (re)significação do olhar por via de imagens técnicas". A partir do diálogo entre a experiência pedagógica vivenciada no curso *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais*, das idéias desenvolvidas no livro *Filosofia da Caixa Preta*, de Vilém Flusser, e do conto de ficção científica *O Homem Bicentenário*, de Isaac Asimov, constitui-se em reflexões sobre a ação pedagógica e o uso de imagens técnicas no contexto escolar, considerando o exercício de criação (saber sensível), neste caso, por meio de imagens técnicas, como condição para o processo de humanização. Palavras chave: educação, imagem técnica, poéticas.

Abstract

Metaphors about the relations between machine and sensitive knowledge: this is the context for the reflections in this article, based on the master research project named "Entre-meios: thinking about processes of creation and re-meaning the way of seeing technical images". From the pedagogical experience in the course Laboratory for Creation with Digital Images Medias, the ideas developed by Vilém Flusser in the book *Towards a Philosophy of Photography*, and the scientific fiction story *The Bicentennial Man*, written by Isaac Asimov, some ideas on pedagogical action and the use of technical images in school context are proposals, considering the creation exercise and the sensitive knowledge, working with technical images for instance , as condition for becoming human.

Key-words: education, technical image, poetics.

Contatos imediatos...

Este texto é parte do projeto da mestranda Noeli Batista dos Santos, orientado pela profa. Dra. Alice Fátima Martins, do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Mestrado, da Faculdade de Artes Visuais/UFG. Intitulado *Entre-meios: reflexões sobre processos de criação e (re)significação do olhar por via de imagens técnicas*, o projeto propõe trazer para o contexto da pesquisa o curso *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais*. O curso foi elaborado e ministrado pela professora Noeli Batista no primeiro semestre de 2007, quando atuava no quadro docente do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte¹.

Flusser, em seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (2002), descreve o processo de construção de imagens técnicas, ou seja, imagens produzidas por aparelhos fotográficos. Segundo ele, aparelhos são produtos de textos científicos que transformam seu operador em um funcionário executor de ações pré-programadas. Uma das possibilidades dos funcionários romperem com tal estrutura seria projetarem tanto o aparelho quanto sua lógica de funcionamento-programa. Uma contra-proposta seria fugir do funcionalismo e, na tentativa de ser menos cartesiano e mais próximo da subjetividade humana, “dirigir a questão da liberdade aos fotógrafos, a fim de captar sua resposta. Consultar sua práxis” (2002, p. 75) e buscar o que ele chama de *jogo contra o aparelho*, um jogo capaz de apontar o caminho para a liberdade, ou seja, a subversão pela práxis tanto pedagógica quanto na elaboração e desenvolvimento das poéticas de criação.

Tendo como referência o contexto descrito por Flusser (2002), o propósito desse curso foi discutir os diferentes espaços que as imagens técnicas ocupam na contemporaneidade. Dele, participaram professores da Rede Estadual de Ensino de Goiás, integrando discussões que envolveram assuntos, tais como relações de ensino, construção e compreensão de imagens técnicas. Nesse processo, cada professor/aluno transitou entre ser “produtor”, “artista”, “crítico” e “expectador”, buscando encontrar nos espaços de aprendizagem a possibilidade de também ser autor no processo de criação de suas poéticas visuais mediadas pelo uso do aparelho fotográfico.

O objetivo do curso não foi propor um laboratório voltado exclusivamente para a criação, mas, sim, oportunizar a busca por um caminho teórico que permitisse a formulação de reflexões sobre esse universo. Os conteúdos propostos para o curso trataram de questões referentes à imagem, imagem técnica e aparelho tecnológico; leitura e análise de imagens; metodologia de projeto; processos de criação – técnica, poética e experimentação em processos de fotografia digital, *scaneamento*, reprografia, filmagem, softwares de edição e manipulação de imagem.

Este projeto de pesquisa propõe o aprofundamento da seguinte questão: *Que tipo de (re)significações do olhar os professores que vivenciaram o curso “Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais” estão assimilando em sua prática pedagógica ou em sua vivência diária?* Guimarães,

referindo-se ao seu olhar autoetnográfico, ressalta que “o valor de narrar as experiências de sala de aula e as representações feitas no exterior não pode ser encontrado nelas, e sim no ato de recontá-las e no processo de reflexão que deflagraram”. (2005, p. 148).

Assim, neste trabalho, será apresentado o contexto prévio da ação proposta no curso. Ou seja, a experiência será recontada. No ato de recontar, buscamos refletir como foram estabelecidos os primeiros contatos com o grupo que, posteriormente, vivenciou a proposta de um ateliê pensante, estruturado para a construção de poéticas pessoais e ações pedagógicas por meio de imagens técnicas e apresentar, dois anos depois, por meio de uma entrevista, as impressões do reencontro com um dos cursistas.

Testemunhos

Dentre os dois grupos que participaram da edição do curso referente ao primeiro semestre de 2007, para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, optamos por concentrar o foco na experiência do grupo do noturno, o qual neste momento do projeto encontra-se em fase de retomada de contato, na busca por apontamentos da questão geradora desta investigação. A escolha deste grupo se deu pela aproximação com a proposta elaborada para o curso, porquanto o nível de envolvimento, das experimentações e o resultado do projeto de criação tenham alcançado as expectativas de trabalho com imagens técnicas, numa vertente libertadora, no que chamamos da construção de *Imagens Eva*, esta, segundo Martins e Santos, sendo a “imagem técnica capaz de transformar e (re)significar olhares” (2009, p.09).

Saber quais imagens povoam o universo destes cursistas foi, a princípio, uma tentativa de estabelecer cruzamentos de intenções, visitar suas casas e partindo desta visita encontrar um caminho possível para o início da jornada, ou seja, o curso a ser desenvolvido. Visitar a casa, segundo Bachelard (1993) é questionar sobre “como habitamos o nosso espaço vital de acordo com as dialéticas da vida” (p. 24) ou ainda a compreensão da casa enquanto uma “das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (p. 26). Ou seja, o que ele chama de “nosso canto do mundo” (p. 24), um canto que esclarece a consciência do

nosso próprio corpo e a forma como este habita e transforma os diferentes espaços sociais.

O veículo utilizado para aproximação desta casa presente no imaginário do grupo foi um questionário em que eles poderiam de forma dissertativa responder às questões propostas, compreendidas como espaços de trânsitos entre desejos, aprisionamentos e apontamentos.

Tabela 1 – Quadro-síntese das respostas do questionário proposto aos cursistas

Cursista	Área de formação	Atuação profissional	Motivo de Escolha do Curso	Experiência com Artes Visuais	Imagem Significativa
M Feminino	Pedagogia	Professora de Arte e Ensino Especial	Obter mais conhecimento na área	História da Arte	O pôr do sol sob as nuvens
L Feminino	Assistente Social; Licenciada em Português- Inglês; Pós -graduada em Língua Portuguesa.	Professora de Arte e Ensino Religioso	Curiosidade pelo nome digital/tecnologia.	Não lembra o nome do curso.	Cachoeira
J Feminino	Licenciada em História	Professora de Arte	Tema sugestivo/ profissionalismo e criatividade da professora.	Arte Pós-Moderna/ História, Reflexão e Produção em Arte I.	Paisagem de coqueiros; <i>A Traição da Imagem e Espelho Falso</i> de René Magritte.
K Feminino	Licenciada em História e Geografia; Bacharel em Artes Visuais.	Professora de Artes Plásticas – pintura, desenho e escultura.	Novas perspectivas de trabalho/ leque para estudar arte contemporânea e despertar interesse do aluno.	Laboratório dos sentidos – artistas viajantes/ arte barroca/ arte em sucata/ pátina em madeira/ arte- educação.	Quadros do Klimt
E Masculino	Licenciado em Geografia.	Professor de Geografia	Conhecimento pessoal de outros horizontes artísticos.	Não	A visão de um deficiente visual – olhar pessoal.
R Masculino	Licenciado em Artes Visuais	-	-	-	-

As questões que constavam do questionário preenchido pelos cursistas foram: *qual sua área de atuação? Qual sua área de atividade profissional? Qual ou quais motivos influenciaram a escolha por este curso? Você já fez algum curso*

relacionado às artes visuais? Considerando sua história pessoal, que imagem ou imagens você destacaria como “imagens significativas e marcantes”?

Diferentes formas de abordagem poderiam ter sido utilizadas para este primeiro contato. No entanto, o caráter experimental da proposta do curso e a falta de parâmetros anteriores neste processo encontraram, nas cinco questões, pontes de acesso ao universo imagético e de expectativas dos cursistas. Um universo cuja face profissional é configurada por baixos salários e a exigência de cumprimento de uma carga horária superior a 40 horas, o que corresponde a mais de 28 aulas semanais. Tais marcas podem dar – em geral dão – às feições dessa atuação profissional sendo robotizado, pois o ritmo acelerado das ações diárias, da imersão no turbilhão docente, impõe severos limites à condição de *ser professor* em sua dimensão humana, transformando-o num ser autômato cumpridor de horários e planos de aula. Funcionário, nos termos propostos por Flusser (2002).

As questões presentes no questionário tiveram como princípio investigar o olhar dos cursistas acerca de questões relacionadas às artes visuais. Ao analisarmos a *tabela 1*, no item área de formação e atuação profissional, as respostas tornaram-se indicativos que refletem o contexto do ensino de arte em instituições públicas no Estado de Goiás, uma vez que, no grupo de seis integrantes, cinco atuam como professores de arte, dois possuem formação nesta área do conhecimento, sendo apenas um licenciado em Artes Visuais. O grupo composto por quatro mulheres e dois homens reflete um universo pedagógico ainda configurado num território de ação majoritariamente feminino.

Na indicação das experiências anteriores no campo das artes visuais, a História da Arte é o solo sagrado e as imagens chamadas artesanais, ainda hoje, compõem-se como satélites deste mesmo solo. Tais indicativos sinalizam uma prática do ensino de arte que referencia tempo e espaço no sentido evolutivo, banaliza o que esta fora do ocidente, homogeneiza práticas artísticas de diferentes grupos sociais, negando milhares de imagens, produtos de aparelhos fotográficos que compõem o imaginário contemporâneo.

Em relação às imagens marcantes citadas pelo grupo, podemos destacar as que representam fenômenos da natureza (pôr do sol, coqueiros, cachoeiras) ou as imagens representativas da História da Arte, marcadamente

européia, produzidas no século XIX. Ao analisar tais imagens, é possível notar um olhar romantizado da relação entre humano e natureza, o mesmo olhar idealizado, por exemplo, nas pinturas de paisagens dos séculos XVIII e XIX. Ao que parece, quando se fala em arte e imagem, a primeira escolha é o eterno retorno ao passado e a negação do presente apocalíptico.

Conhecer os motivos de escolha do curso foi também um indicativo qualitativo na medida em que apontou a visão e expectativa destas pessoas acerca da relação a experiências envolvendo arte e tecnologia. Considerar o curso uma possibilidade de obtenção de conhecimento na área de arte e tecnologia, ou sanar a curiosidade sobre o nome ou tema indica carências para um espaço de diálogo e discussões acerca deste assunto. Muito se tem escrito sobre experiências de artistas das chamadas vanguardas tecnológicas, mas ainda são poucas as reflexões quando este assunto sai do espaço legitimado da arte e entra para o espaço, neste contexto, ainda marginal que é o do ensino de arte.

Dentre os seis integrantes do curso, apenas um não teve experiência anterior no campo das artes visuais. No entanto, foi exatamente este que apontou como motivo de escolha do curso o que ele chama “a busca por novos horizontes artísticos”. Há de se considerar o que este professor considera como experiência no campo das Artes Visuais e o que seriam os “velhos horizontes artísticos”...

Visões...

No filme *O Homem Bicentenário*², (direção de Chris Columbus, 1999), baseado no conto homônimo do escritor Isaac Asimov (1997). Um robô autômato, após construir uma escultura a partir de um pedaço de madeira, transforma suas relações sociais na busca pela resposta de como alcançar a condição humana. Seria a expressão “novos horizontes artísticos” uma metáfora para o ensino de arte articulado às questões tecnológicas, neste contexto, por meio das imagens técnicas? A metáfora do robô que descobre o desejo de ser humano a partir do ato criativo nos conduz, para a busca da resposta da questão que motiva esta investigação, ou seja, o ensino de Arte como possibilidade de transformação de um ser “autômato” para a condição humana.

As obras *A Traição da Imagem*³ (1929) e *Espelho Falso*⁴ (1928) de René Magritte foram escolhidas por um dos cursistas com sendo suas imagens marcantes. Na primeira, o artista, por meio do registro textual, afirma ao observador que a imagem observada não é um cachimbo. Vilém Flusser (2002) ao refletir sobre o conceito de imagem particulariza o termo imaginação (imagem + ação), ou seja, nossa capacidade de recompor duas das quatro dimensões presentes em uma imagem. Segundo ele o plano (altura + largura) em uma imagem relaciona-se com duas outras dimensões: tempo e espaço. A importância e singularidade do olhar encontram-se justamente nessa possibilidade imaginativa que as imagens nos proporcionam, ou seja, nosso espaço de reconstrução de sentidos. A reconstrução do tempo e o espaço presente em uma imagem são de responsabilidade do observador.

Na segunda, a imagem do céu azul refletida no olhar, permite uma comparação entre a captação da imagem por meio do ato biológico do ver e a captação da imagem por meio do ato mecânico viabilizado pelo aparelho fotográfico. Seria, neste contexto, o ato mecânico uma metáfora possível de ilustrar a fala de um dos cursistas, quando ele diz que a sua imagem marcante é “a visão de um deficiente visual”. E o que ele chama de “olhar pessoal” seria o olhar metafórico? É no pensamento sobre a (re)significação de olhares por meio de imagens técnicas e a crise de parâmetros humanos, que segundo Franco “promovem uma ruptura gradativa do conceito tradicional de humano e resultam também em implicações de ordem moral, ética e sócio-cultural” (2006, p.8) que apresentamos a seqüência desta reflexão.

Caminhos metodológicos

Szymanski ao discutir sobre entrevista reflexiva, afirma que este instrumento “tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos” no que ela afirma ser impossíveis de serem abordados por meio de “instrumentos fechados num formato padronizado” (2004, p. 10).

Como possibilidade investigativa que possa dar desenvolvimento nesta reflexão, levantou-se a necessidade de ouvir os integrantes que vivenciaram a experiência do *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais*. Os seis

membros do chamado Grupo Noturno, que ora configura-se como grupo de investigação continuam acessíveis.

Ao considerar a entrevista reflexiva como caminho metodológico na busca pela resposta da questão geradora deste projeto, compreende-se que o entrevistador “tem informações e procura outras” (SZYMANSKI, 2004, p. 12) num processo de tomada de consciência de si e da parte do entrevistado. No desenvolvimento da pesquisa reflexiva, destacam-se duas etapas para planejamento e ação, a primeira organiza-se em dois momentos: *contato inicial* e negociações que envolvem o registro da entrevista. A segunda etapa refere-se à condução da entrevista e subdivide-se em aquecimento e questão desencadeadora.

No caso dos ex-cursistas a questão desencadeadora passa pelo sistema de compreensão da experiência e sua conseqüência no que Szymanski denomina de “visões de mundo subjacentes à prática” (2004, p. 28). Ao pensar sobre o problema deste projeto, aponta-se a possibilidade de utilizar o “como” enquanto orientação para esta condução, na perspectiva de investigar como eles analisam a experiência vivenciada no curso.

Uma descrição sobre os aspectos da experiência poderia dar condições de analisar se as relações “marcantes” para o grupo se diferem ou se aproximam ao apontar possibilidades de sistematização da experiência do curso partindo de diferentes “pontos de vista”. Tal abordagem pode ser esclarecedora uma vez que, partindo dela, o ex-cursista terá que retomar a ação vivenciada e na tomada de consciência possivelmente revelar desejos, expectativas e consciência de sua vivência. Na entrevista reflexiva é importante apresentar a devolutiva ao entrevistado, permitindo que este assuma a posição de co-autor no processo de tomada de consciência.

O processo escolhido para análise do conteúdo das entrevistas direciona-se ao termo hermenêutica dialética, processo no qual “busca-se a compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos” (SZYMANSKI apud MINAYO, 2004, p. 65).

O início do processo de investigação realizou-se uma primeira entrevista com a *cursista M* indicada na segunda linha da tabela 1. A escolha desta cursista teve como motivação seu retorno ao Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte” no primeiro semestre do ano de 2008. Este retorno teve

como objetivo vivenciar uma nova experiência no curso *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais*, em sua terceira edição. O fato causou estranhamento na Instituição, uma vez que, não é possível certificar um cursista duas vezes no mesmo curso. Para mediar esta situação foi necessário buscar alternativas de certificação para que, além da vivência da proposta, ela pudesse ter o certificado de participação. Vale ressaltar que no mesmo período outros cursos foram oferecidos nesta mesma Instituição.

O *contato inicial* para a entrevista se deu por meio de uma conversa informal contextualizando a entrevistada sobre a necessidade de informações sobre sua prática pedagógica e a presença de imagens em suas aulas de arte. O roteiro de investigação apresentou as seguintes questões: *Que tipo de imagens você tem trabalhado na sala de aula? Quais propostas são feitas aos alunos com o uso destas imagens? Que tipo de recursos tem usado na sala de aula?* E a M. que imagens considera marcante?

Atualmente a ex-cursista exerce a função de *professora de recursos* em uma escola de primeira fase da Rede Estadual de Goiás. Suas repostas partiram das memórias de sua prática como professora de Arte. A entrevista não foi gravada, as falas e impressões foram registradas por escrito, no decorrer da conversa. Após a conclusão da entrevista, as informações foram reordenadas com o cuidado de manter a proximidade do núcleo de idéias abordado.

Sobre as imagens que tem trabalhado durante suas aulas, destacou o material adquirido no curso *Arte BR*, vivenciado no ano de 2006 na Universidade Federal de Goiás. Segundo ela, o material oferecido pelo curso é muito bom porque apresenta imagens “interessantes”. Diz explorar em sala de aula as imagens contidas nos livros de História e de Português, facilitando seu trabalho, uma vez que a escola não tem muitos recursos.

A professora integra teoria e prática nas propostas desenvolvidas em sala. Por exemplo, no sexto ano ao trabalhar Pontilhismo, Arte Bizantina, ela propõe que eles olhem a imagem e desenvolvam a prática. Por ter muitos livros de arte, sempre que pode, os leva para a sala de aula. Nas séries em que trabalhou (6º ao 9º ano), dependendo da fase propõe o mesmo conteúdo para estudo.

Aos alunos propõe ações para relacionar, por meio de problematizações, ressaltando que toda imagem tem relação com formas geométricas: *“o que eles vêem, ao trabalhar formas geométricas? O que nós encontramos na cidade que tem formas geométricas? O que vocês vêem nas formas geométricas?”*. Ela diz: *“Quando eles vão para casa, o que eles mais gostam? Árvore, Casa, Praças?”*. *“Se eles viram um pôr do sol e acho lindo, viu um vaso bonito e achou lindo!”*, então propõe que eles desenhem, e que neste ato, reconheçam as formas presentes. Também propõe desenho de observação (luz e sombra). A professora organiza exposições dos trabalhos dos alunos durante os eventos promovidos pela escola, tais como, feira de ciências, festa da primavera, feira cultural, reunião de pais.

Quanto aos recursos, tem usado o mais fácil, por exemplo, giz de cera e lápis de cor. Para ela, *“tinta é mais complicado para trabalhar”*. A professora destacou a dificuldade em trabalhar com arte na escola, a questão de não haver um espaço próprio, uma sala para propor oficinas, e o tempo de duração das aulas: *“aulas de 40 e 50 minutos dificultam, pois arte na escola tem muito pouco recurso”*.

Durante sua fala destacou que trabalha filmes, e às vezes *faz fotos*. Disse fotografar muitas imagens de arte e levá-las para a sala de aula. Já fotografou a Praça Universitária (referência às esculturas expostas ao ar livre) e o espaço interno do prédio do jornal Diário da Manhã (fontes artificiais e esculturas de sereias), ambos localizados no Setor Universitário, cidade de Goiânia. Após fotografar, grava as imagens em CDs e passa no DVD da Escola para os alunos assistirem. Disse registrar todos os trabalhos feitos pelos alunos.

Sempre deixa um CD na Escola para gravar as imagens. Para ela, o trabalho com máquina fotográfica digital, facilita o trabalho já que *“antes era mais difícil”*. Ao fotografar os trabalhos e apresentá-los na TV, os alunos elaboram críticas das imagens apresentadas. A professora destaca que para os alunos *“é melhor ver o trabalho na TV porque sentem-se mais valorizados”*. Segundo ela o ato de fotografar o trabalho deles indica um *“gostar”*. Ela diz: *“parece que quando fotografo e mostro para eles (alunos), eles se interessam mais em fazer”*. Mesmo com o interesse dos alunos pelas imagens fotográficas,

nunca propôs que eles fotografassem, mas pondera que agora é mais fácil, porque existem os celulares com câmeras que fotografam e filmam.

Para ela, existem muitas imagens marcantes. Disse estar sempre buscando referências. Tudo que faz, os livros que lê, sempre encontra relações com o universo da arte. De uma forma ou de outra fica presa nas imagens. Segundo ela, a professora de Educação Física diz que “ela vê coisas que os outros não vêem”. Ao ver uma pintura em um muro, pensa sobre o que ela representa para si. Já a professora de Educação Física diz não ter sensibilidade estética.

Ela citou o curso *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais* vivenciado no primeiro semestre de 2008 (um ano após a primeira experiência). Relembrou o trabalho desenvolvido pelo seu grupo, cuja proposta foi articular semelhanças entre formas da natureza e a figura humana. Diz observar “coisas” que as outras pessoas não vêem. Pesquisa “coisas” de arte na internet. Para ela “a internet serve mais para fazer pesquisa de arte, cultura”. Não gosta muito de Orkut. Diz receber muitas mensagens no e-mail, mensagens maravilhosas, mas também muito lixo. Quando novamente questionada sobre sua imagem marcante, ela disse adorar ver a novela *Pantanal*⁵, nas cenas que “mostram as partes da natureza”, afirmando ser apaixonada por elas.

Juízos anunciados... que não os finais

Há dois anos, a imagem marcante citada por esta cursista foi o “*pôr do sol sob as nuvens*” e o motivo de escolha do curso foi “*obter mais conhecimento na área*”. Atualmente, a imagem apontada por ela como marcante passa pelo universo das imagens técnicas, mediado pelas imagens de uma telenovela.

É partindo dessas primeiras e segundas impressões, que segue a busca pela presença das imagens técnicas e o sentido que elas exercem nas narrativas dos ex-cursistas do *grupo do noturno*. Para que nessas compreensões novas narrativas possam ser formuladas, na direção de criarmos condições para superar as feições de autômato do fazer docente, saindo da condição de funcionários – das instituições escolares, dos

equipamentos – subvertendo máquinas, equipamentos, sistemas, recriando possibilidades e humanizando nossas relações.

Referências bibliográficas

ASIMOV, Isaac. **O homem bicentenário**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1997. 120 p.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 82 p.

FRANCO, Edgar Silveira. **Perspectivas pós-humanas nas ciberartes**. 246 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) ECA/USP, São Paulo: 2006.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. **Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte**. 256 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) ECA/USP, São Paulo: 2005.

MARTINS, Alice Fátima & SANTOS, Noeli Batista. A Imagem Eva. In **Revista Digital do LAV**. Ano II – Número 02 – Março 2009. Santa Maria: UFSM. Disp. em <<http://www.ufsm.br/lav/>>. Acesso em 25 mai. 2009.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 1. ed. Brasília: Líber Editora, 2004. 87 p.

Profa. Dra. Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia (SOL/UnB), Mestre em Educação (FEd/UnB), Licenciada em Educação Artística – Artes Plásticas. Professora Adjunto III, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual. Em 2008, teve projeto de pesquisa aprovado para desenvolvimento do Estágio de Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ).

Profa. Noeli Batista dos Santos

Mestranda em Cultura Visual, Licenciada em Artes Visuais e Bacharel em Design Gráfico, pela Universidade Federal de Goiás. É Professora de Arte na Secretária Estadual de Educação de Goiás. Atualmente é professora substituta da Faculdade de Artes Visuais/UFG trabalhando com formação de professores na Licenciatura em Artes Visuais Modalidade EAD e presencial.

¹ Centro voltado para a formação continuada de professores que ministram a disciplina Arte na Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, espaço onde foi ministrado o curso *Laboratório de Criação de Imagens em Mídias Digitais* no primeiro semestre de 2007.

² **Bicentennial Man**. Direção Chris Columbus, 1999. 130 min. *EUA*. Disponível em < www.imdb.com >. Acesso em 24 mai. 2009.

³ *La Trahison des Images* (Ceci n'est pas une pipe), 1929. René Magritte. Disponível em <<http://collectionsonline.lacma.org/>>. Acesso em 25 mai. 2009.

⁴ *The False Mirror*, 1928. René Magritte. Disponível em < <http://www.moma.org/explore/collection/index> >. Acesso em 25 mai. 2009.

⁵ *Pantanal*, telenovela brasileira escrita por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Jayme Monjardim, Carlos Magalhães, Marcelo de Barreto e Roberto Naar. A trama foi produzida pela extinta Rede Manchete e exibida originalmente na década de 90. Foi reapresentada quatro vezes, a última sendo na emissora SBT, no ano de 2008. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 24 mai. 2009.